

# QUANDO AS PALAVRAS DIZEM MAIS DO QUE SEUS VERBETES NO DICIONÁRIO: UMA ANÁLISE DO USO DE FIGURAS DE LINGUAGEM NO JORNALISMO LITERÁRIO

Fabiano ORMANEZE<sup>o</sup>

## RESUMO

Este artigo discute de que forma as figuras de linguagem não apenas se tornam uma preocupação estética nas reportagens produzidas pela corrente do Jornalismo Literário, mas também atuam como elementos de significação, levando ao leitor novas informações. Ao analisar reportagens clássicas e contemporâneas, mostra que metáforas e outras figuras de linguagem servem como uma maneira de expressar, no plano concreto, aspectos abstratos, apresentar ao leitor elementos visuais ou sonoros que compõem a cena reportada, além de ser uma estratégia para o posicionamento crítico e humanizado de quem escreve.

**Palavras-chave:** figuras de linguagem; jornalismo literário; significação; humanização; reportagem.

---

<sup>o</sup> Professor dos cursos de Comunicação Social (PUC-Campinas). Jornalista (PUC-Campinas) e Especialista em Jornalismo Literário (Academia Brasileira de Jornalismo Literário). Autor do livro-reportagem *Vidas Partidas: Histórias de Luto Materno*, Campinas: Editora Akademika, 2006. e-mail: ormaneze@yahoo.com.br

## ABSTRACT

*This article discusses how figures of language not only become an esthetical issues in non-fiction narratives produced by the literary journalism philosophic, but also act as elements of meaning, leading the reader to new information. By analyzing classical and contemporary non-fiction narratives, shows that metaphors and other figures of language serve as a way of expressing, bringing to the concrete what is abstract and pushing the reader to sound and visual elements that compose the scene reported and it is used by the writer as a strategy of critical position from the writer/journalist.*

**Key words:** *figures of language; literary journalism; meaning; humanization; non-fiction narrative.*

## INTRODUÇÃO

**A** pontada por teóricos como uma das características do Jornalismo Literário, a utilização de figuras de linguagem em reportagens, perfis, biografias e demais gêneros da literatura de não-ficção tem propósitos maiores do que simplesmente conferir sentido estético ao texto. Ao empregar metáforas, personificações, antíteses, aliterações, metonímias e outras figuras de linguagem, os jornalistas que usam como método o Jornalismo Literário trazem aos seus textos novos significados, reforçam ideias e contribuem para o entendimento da mensagem, de modo a, muitas vezes, tornarem-se mais um elemento que auxilia a transportar o leitor para a realidade vivenciada pelo autor do texto no momento da apuração dos fatos. Neste artigo, vamos discutir de que maneira alguns clássicos ou autores contemporâneos do Jornalismo Literário utilizaram as figuras de linguagem na construção de seus textos e os sentidos produzidos a partir desses usos.

## JORNALISMO LITERÁRIO E FIGURAS DE LINGUAGEM

O Jornalismo Literário, também chamado de narrativa de não-ficção, jornalismo narrativo ou literatura da realidade, é uma corrente que prega a utilização das ferramentas de um repórter e as estratégias e técnicas textuais dos bons escritores para o relato dos fatos verídicos. Tal filosofia se baseia, essencialmente, na humanização, tanto das fontes ouvidas para a reportagem, quanto do próprio autor e dos leitores do texto. Ao contrário do jornalismo tradicional, em que a pirâmide invertida [1] é o modelo consagrado e rigidamente seguido pela grande maioria dos jornalistas, os que optam pelo Jornalismo Literário dispõem de uma série de artifícios para contar a história que acompanharam. Não existe o “correto” ou o “incorreto” na maneira de estruturar o enredo, desde que ele seja fiel ao que, de fato, se observou durante o processo de apuração (afinal, não se está falando de literatura, mas de jornalismo).

Ao analisar reportagens que fugiam ao esquema da pirâmide invertida, Sims e Kramer (1995) apontaram sete características comumente observadas, que hoje são utilizadas por boa parte dos teóricos ao caracterizarem o Jornalismo Literário (FALASCHI, 2005): humanização, imersão na realidade que se pretende reportar, precisão de dados e informações, estilo, voz autoral, digressão e linguagem metafórica.

De uma forma geral, pode-se dizer que todas essas características têm como base a humanização, tanto de repórteres, quanto de fontes de informação e leitores (ORMANEZE, 2006). A ideia é a seguinte: como observou pessoalmente e com profundidade as ações dos personagens, o decorrer dos fatos ou se aprofundou nas memórias, documentos e evidências históricas que permitem reconstruir uma situação, o repórter se torna uma espécie de especialista no assunto que vai retratar. Dessa forma, ele escolhe a maneira com a qual pretende contar o ocorrido, de modo a prender a atenção do leitor e passar o maior número de informações. Nesse caminho, merecem destaque as histórias de vida, que garantem a força narrativa e a dinâmica do processo de contar uma história, além da liberdade que se tem para a escolha das pautas e as angulações (LIMA, 2004).

Cientes de que a objetividade e a isenção no jornalismo são mitos,

o jornalista literário assume suas posições no texto. Essa é, inclusive, uma forma de humanizá-lo. Entram em ação a voz e a direção que o repórter impõe ao assunto, de modo a traduzir suas sensações, percepções e observações. Seja em primeira pessoa, em terceira, em versos, prosa, reproduzindo somente o discurso do personagem ou qualquer outra forma encontrada para narrar, o repórter coloca sua forma de ver o assunto, seu envolvimento com a história. É o domínio dos recursos que permitirá a escolha da melhor maneira de transportar a observação do real para o texto. O cuidado com a veracidade e a não distorção dos elementos é essencial. É necessário ser preciso nas informações e nos dados. O resto depende da criatividade e das formas escolhidas para transmitir ao leitor o que se pôde captar no encontro com a fonte.

Na tentativa de não apenas transmitir ao leitor as falas de um personagem, mas também de contextualizá-las, é que entram as simbologias e a linguagem figurada. As figuras de linguagem permitem que se estabeleçam analogias entre fatos, pessoas ou ideias, o que facilita o entendimento de uma situação. Nesse sentido, Lakoff e Turner (1989, p. 45) afirmam que “a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes, expandido os significados das palavras além do literal [...] e expressa, assim, o pensamento abstrato em termos simbólicos”.

São as metáforas, também, além dessa característica de assimilação mais fácil da informação, que permitem traduzir melhor o que se sentiu durante o processo de imersão na realidade a partir da qual surgiu a reportagem. Quando a mente não encontra termos com sentido literal para traduzir o que os olhos observaram ou o coração sentiu, a linguagem figurada ajuda, ao possibilitar associações entre coisas que parecem totalmente distantes, funcionando como tradutora das imagens e percepções para o texto escrito.

O mundo é captado pelo olhar e pela percepção de alguém e transmitido aos outros indivíduos por meio da linguagem. Assim, na busca da expressão, seja de um sentimento ou de uma teoria (pouco importa), o homem acaba por fazer combinações e analogias até então impensadas, motivadas pela sua necessidade de precisão e persuasão. Como diz Martins (2000, p. 92), “as figuras de linguagem resultam da necessidade expressiva e se devem à incapacidade de nosso espírito de abstrair, de apreender um

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

conceito, de conceber uma ideia fora do contato com a realidade concreta”.

## AS FIGURAS DE LINGUAGEM NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS: ALGUNS EXEMPLOS

Para demonstrar a força de significados que algumas figuras de linguagem (metáfora, metonímia, personificação, anáfora, antítese, onomatopeia e aliteração) concedem aos textos, apresentamos a seguir alguns exemplos retirados de textos clássicos do Jornalismo Literário ou então da produção contemporânea presente na grande imprensa.

### Metáfora

De forma didática, podemos dizer que a metáfora é uma comparação, com a particularidade de não haver, em sua construção, um conectivo (ao invés de dizer que o “amor é como fogo”, Camões, em sua célebre frase, disse “o amor é fogo”). Ademais, na metáfora, não há qualquer relação lógica entre os dois termos envolvidos, dependendo muito mais do resultado obtido por meio de analogias que o autor do texto concede a algum fato ou observação a partir do seu repertório.

Do ponto de vista semiótico, a relação que se estabelece entre o significado e significante numa metáfora é de ícone, a primeira das características que um signo pode adquirir na teoria de Charles Sanders Peirce (ícone, índice, símbolo). O ícone “mantém uma relação de analogia com o seu objeto” (PIGNATARI, 2004, p. 19), como se fosse um desenho.

É importante realçar que, para ter valor estilístico, a metáfora deve ser pensada exclusivamente para aquele contexto e não simplesmente ser uma reprodução do que se diz ou se ouve diariamente para as ruas. Não é a utilização de frases como “tempo é dinheiro” ou então “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” que vai conceder valor estético a um texto.

Como ícone, a metáfora precisa ser bem estruturada, para que não leve a distorções ou a interpretações equivocadas. Essencialmente, ao ser utilizada num texto, ela se torna uma aposta que o escritor faz. Os resultados, no entanto, podem ser diferentes, iguais, aproximados ou nulos

em relação à sua proposição inicial. Nesse pacto que a metáfora tenta estabelecer entre autor e leitor, o que determina o resultado é a qualidade e a clareza da analogia que se estabeleceu e, do ponto de vista da recepção, o repertório do leitor.

No Jornalismo Literário, a metáfora tem sido utilizada por quatro razões principais, conforme Ormaneze (2006): para conferir estilo, humanizar, dar voz ao autor e para gerar analogias que facilitem a compreensão. Rapidamente, apresentaremos aqui alguns exemplos dessas utilizações.

Em certo ponto da biografia da cantora Maria Callas, Huffington (1996, p. 34) escreve: “Maria dava a impressão de possuir uma **férrea força** de vontade” (grifo meu). Nesse trecho, para qualificar a força, o autor utiliza um adjetivo que lhe concede um sentido concreto: o ferro é sinônimo de solidez. Robusto que é, ele torna-se uma metáfora para dizer que a força de vontade era imensa. Num outro trecho do mesmo livro, se lê: “e ela se tornou **escrava de seus escravos**” (IBIDEM, p. 142). Essa construção textual expressa, artisticamente e de forma analógica, a relação que a cantora estabelecera com seus fãs: com um nível muito baixo de autoestima, ela dependia excessivamente do reconhecimento de seu público que, ao mesmo tempo, tornava-se dependente de suas apresentações.

Ao descrever a inauguração de Brasília, em O Estado de S. Paulo, em 22 de abril de 1960, Vladimir Herzog, o Vlado, usa uma metáfora que, também fazendo analogias, promove a formação de uma imagem na mente do leitor, além de ajudar a demarcar o estilo do autor:

*Veem-se em Brasília numerosas casacas e lustrosas cartolas. Colarinhos engomados, em cujos bordos se percebe o **autógrafo vermelho do planalto goiano. Mas Brasília é uma criança. Ainda recém-nascida, brincou com fogo, naturalmente de artifício.** (apud MARKUN, 2005, p. 24, grifo meu).*

Neste trecho, além de produzir um texto agradável de ser lido, Vlado dá, durante a construção da metáfora, uma informação ao leitor: Brasília está no meio do planalto. A informação vem maneira sutil, ao reforçar uma característica que foi marcante ao autor: o fato de as roupas

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

usadas pelos presentes à inauguração da nova capital federal terem ficado manchadas pela poeira. Da mesma forma, vem a informação de que houve uma queima de fogos na ocasião.

A fim de tornar um sentimento abstrato palpável a seus leitores, a jornalista Joan Didion (2006), em *O Ano do Pensamento Mágico* [2], escreve o seguinte trecho ao narrar a forma de uma pessoa enlutada ver o mundo:

*Quem sofre uma perda recente fica com um certo olhar que talvez seja somente reconhecível pelos que já viram aquele mesmo olhar no próprio rosto. Notei isso no meu rosto e agora percebo isso nos outros. Esse olhar reflete uma enorme vulnerabilidade, é como estar nu e desarmado. É o olhar de quem sai do consultório do oftalmologista com as pupilas dilatadas e encara a luz do dia, ou o olhar de quem usa óculos e tem subitamente que tirá-los. As pessoas que perderam alguém parecem nuas porque se acreditam invisíveis. Eu mesma me senti invisível durante um tempo, como se não tivesse um corpo* (DIDION, 2006, p. 74, grifo meu).

No trecho em destaque, a autora utiliza uma ação bastante conhecida (o olhar após a dilatação da pupila num exame oftalmológico) para descrever uma vivência particular e abstrata: a forma como ela visualizava o mundo após a morte do marido. É um bom exemplo para mostrar como a metáfora ajuda o leitor a compreender uma sensação.

A jornalista Eliane Brum, que trabalhou no *Jornal Zero Hora*, em Porto Alegre (RS), é uma especialista na utilização de metáforas como uma forma de incluir no texto seus posicionamentos o que, em *Jornalismo Literário*, chamamos de voz autoral. No texto “Enterro de Pobre”, publicado originalmente no *Zerro Hora* e que compõem a coletânea “A Vida que Ninguém Vê”, ela escreve ao narrar as dificuldades que um pai enfrenta para enterrar seu filho: “A tragédia suprema do pobre é que **nem com a morte escapa da vida**” (BRUM, 2006, p. 37, grifo meu). Nesse trecho, além de humanizar os seus personagens, mostrando suas dores, ela utiliza a metáfora para demonstrar, de forma a sensibilizar o leitor, sua indignação pela situação de miserabilidade em que vivem milhares de pessoas que, nem mesmo na morte, conseguem escapar das dificuldades trazidas pela falta de dinheiro.

## Metonímia

A metonímia tem a particularidade de ser exclusivamente produzida por meio de substantivos. Ela:

*“é a figura pela qual uma palavra que designa uma realidade A é substituída por outra palavra que designa uma realidade B, em virtude de uma relação de vizinhança, de coexistência, de interdependência” (MARTINS, 2000, p.102).*

Um exemplo retirado da literatura pode facilitar a compreensão da metonímia. O poeta Murilo Mendes, em “Idade do Serrote”, constrói a seguinte frase: “a fome é sempre analfabeta”. No exemplo, os dois conceitos utilizados (fome e analfabetismo) são abstratos e não é estabelecida entre eles qualquer analogia ou paralelo. O que ocorre é a que o autor preferiu, para conferir maior valor estético, utilizar “fome” em vez de “famintos”, ou seja, optou pela metonímia. O resultado obtido é emocional e artístico, muito mais enfático do que seria na linguagem denotativa: “Os famintos são sempre analfabetos”.

A metonímia está situada no terreno do índice, em que o signo (linguístico ou não) “mantém uma relação direta com o seu objeto”, (PIGNATARI, 2004, p. 19) como se fosse uma pegada na areia, a fumaça que indica a presença de fogueira etc.

Um exemplo de metonímia em textos do Jornalismo Literário pode ser retirado de uma reportagem do jornalista André Vieira, para a revista Rolling Stones sobre a vida em garimpos na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa: “Os limites são impostos **pela lei 12**, calibre preferido e abundante. E o que não faltam são juízes dispostos a aplicá-la” (VIEIRA, 2007, p. 63), diz ele ao abordar a violência, usada de forma natural na região sobre a qual escreve. A construção é uma metonímia, pois usa o instrumento (no caso, o revólver calibre 12), como sendo o nome da própria lei.

## Simbologias

A terceira das categorias peirceanas, o símbolo, também é uma

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

forma de estilo, uma figura de linguagem. Estabelecendo uma “relação convencional com o objeto ou seu referente” (PIGNATARI, 2004, p. 19), o símbolo também não faz uma analogia, pois já traz em si, implicitamente, um significado figurativo. É o caso, por exemplo, de uma cruz que denota um significado cristão a uma igreja, cidade ou praça. Recorrer aos símbolos que uma pessoa carrega pela vida ou no cenário em que se está também é uma forma de trazer a linguagem figurativa para o texto.

Muitas vezes, as próprias comparações e lembranças que o personagem tem servem de símbolos. É o que acontece com Joan Didion (2006, p. 221), no trecho:

*Lembrei-me de quando eu nadava com ele para dentro da gruta em Portuguese Bend. Lembro da onda de água clara e do modo como ela mudava, a rapidez e a potência que ela ganhava quando se estreitava através das pedras na base do pontal. A maré tinha que estar na altura certa. Tínhamos que estar na água no exato momento em que a maré estivesse no ponto certo. Só deu para fazermos isso uma meia dúzia de vezes durante os dois anos em que moramos lá, mas é disso que eu me lembro. Todas as vezes que a gente ia nadar perto da gruta, eu ficava com medo de perder a onda, fazer o cálculo errado e acabar ficando para trás. O John nunca teve esse medo: — Você tem que sentir a mudança da onda. Você tem que ir junto com a mudança. Ele me disse isso.*

O trecho é simbólico, pois a autora o apresenta justamente no momento em que precisa tomar uma decisão: não tem mais o marido para reler o texto e precisa pôr ponto-final naquilo que escrevia. A tomada de atitude vem acompanhada desse episódio que, para ela, tornara-se um símbolo da fugacidade e da necessidade de vivenciar e assumir as transformações. A própria autora reconhece essa simbologia algumas páginas antes: “Terminar esse texto, o que significava retornar a minha própria vida, não era a mesma coisa” (IBIDEM, p. 209).

Ao se aproximar da realidade de uma fonte, o jornalista tem diante de si uma série de elementos que já permite dizer muito sobre a pessoa que entrevistará: a forma como se veste, a postura, as características do lugar onde se falam, as peculiaridades da decoração, da mobília, seu comportamento diante dos objetos, dos estímulos do local etc. Esses

elementos trarão um arsenal informativo que se denomina “símbolos de status de vida”. Na literatura, o escritor francês realista Honoré de Balzac foi mestre em utilizar o recurso, que, ao representar parte do ser humano e trazer outras constatações, se torna recurso expressivo e significante. O processo, do posto de vista semiótica, é o seguinte:

*Significa que, quando uma ideia nos é familiar como parte de um sistema de ideias, pode ela trazer o sistema à nossa mente — e desse sistema, por alguma razão, uma ou outra idéia pode destacar-se e vir a ser pensada por si mesma (PEIRCE apud PIGNATARI, 2004, p. 63).*

No perfil “O velho montenegrino”, publicado no Caderno Aliás, de “O Estado de S. Paulo” (28 de maio de 2006), a repórter Andréa Barros começa o texto indicando símbolos de status de vida para ajudar na caracterização da fonte. Os símbolos, nesse exemplo, partem de uma detalhada descrição do ambiente, outra característica do Jornalismo Literário:

*Nas paredes da sala, quadros de moldura dourada dividem espaço com as crenças de um velho homem. O retrato de Mahatma Gandhi, a foto dos reis da Sérvia, de Montenegro, da Bulgária e da Áustria, a flâmula com as cores de Montenegro e a bandeira brasileira de plástico escondem a falta de uma nova pintura. É ali, numa tarde chuvosa e friorenta, que Dragisa Pavlicic muda o tom de voz e estatela os olhos azuis.*

### **Personificação**

A personificação é a figura de linguagem que atribui a seres inanimados características de animação. Na literatura, Manuel Bandeira oferece um exemplo: “O vento varria as flores”. Nessa construção, além de utilizar a repetição do fonema “v” que reproduz o movimento do vento, ele confere a característica humana (varrer) a um ser inanimado, conferindo valor estético à sua mensagem.

O trecho seguinte, retirado do livro-reportagem “Nos Mares do Sul” [3], de Robert Louis Stevenson (1992), há um bom exemplo de personificação no Jornalismo Literário, quando o autor atribui à espada um adjetivo típico do ser humano: “Desde 1860, morreram catorze brancos numa única ilha, todos pela mesma razão, todos encontrados onde não deveriam se

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

intrometer e mortos pela **espada indignada** de um pai de família”.

### Onomatopeias, aliterações e anáforas

No discurso jornalístico literário, alguns autores conseguem, por meio da estruturação do discurso, utilizar recursos fonéticos que trazem um novo significado ao texto, dando a ele som e movimento. Nesse processo, convém salientar a existência de três figuras principais: a onomatopeia, a aliteração e a anáfora.

A onomatopeia reproduz, ou pelo menos tenta imitar, ruído e sons naturais. Para conseguir esse efeito, utilizam-se sons organizados da linguagem humana. Por trabalhar com dois emissores sonoros distintos (a natureza e o homem), não será uma reprodução exata, mas apenas aproximada dos sons naturais:

*da mesma forma que um piano, por exemplo, só pode dar a impressão de um tambor. A linguagem traduz os sons da realidade dentro de suas possibilidades, daí haver diferenças entre onomatopeias de línguas diferentes para a reprodução de sons iguais (MARTINS, 2003, p. 48).*

As onomatopeias podem ter valor significativo constante, como acontece com “tic-tac”, “tlim-tlim”, “pum”. Nesses casos, a imitação do som natural foi incorporada à língua, tornando-se uma forma convencional de representação sonora. Noutros, tornam-se substantivos ou verbos, como acontece com as palavras “piar”, “pio”, “mio”, “miado”, “bem-te-vi” e outras, principalmente quando se reproduz o som de algum animal. Essas onomatopeias, com o tempo, perdem seu valor estilístico e passam a incorporar a língua com sentido convencional, que pouco oferece em termos de estilo a um texto.

Há, entretanto, as onomatopeias produzidas especialmente para um texto, de forma momentânea e individual. Na literatura, isso é muito frequente nos textos de Guimarães Rosa, como em Sagarana (p. 353): “os alegres tuins... choveram nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares, sem sustar o alarido —rrrl-rrrl-rrrl-rrrl”.

A onomatopeia ajuda a extrapolar a informação transmitida pelas

palavras. Confere ao texto um contexto sonoro, natural. O leitor se sente imerso na cena descrita pelo escritor, ouve sons, visualiza imagens. De forma geral, no jornalismo, o recurso é pouco utilizado. Tom Wolfe (2005, p.90) oferece um exemplo da potencialidade do recurso no texto “O Último Herói Americano”, em que narra uma corrida de *stock car*:

*Por fim, uma noite, armaram uma cilada para Junior na estrada, perto da ponte de Millersville, ali não tem como escapar, levantaram a barricada, escutaram aquele motor envenenado rugindo na curva, e lá vinha ele — mas de repente ouviram uma sirene e viram uma luz vermelha piscando no capô, então acharam que era outro agente e, rapaz, correram feito formigas para tirar as barreiras, as pranchas, as ferraduras do caminho e aí — **Ggghzzzzzzhhhhhggggggzzzzzzüüiong!** — droga! Lá vai ele de novo, Junior Johnson!*

No trecho, além da utilização da onomatopeia, toda a estrutura de construção e a pontuação oferecem uma atmosfera de urgência, rapidez, velocidade ao trecho. É a construção do cenário não só pela descrição, mas também pelo uso da língua.

Ainda dentro dos recursos fonéticos, a aliteração caracteriza-se pela repetição de fonemas, a fim de se obter um recurso extratextual, de certa forma sonoplástico. É o que acontece no conhecido poema “Tecendo uma manhã”, de João Cabral de Melo Neto, em que a repetição dos fonemas /d/ e /t/ reproduz o som de um tear:

*Um galo sozinho não tece uma manhã:/ ele precisará sempre de outros galos./De um que apanhe esse grito que ele/ e o lance a outro; de um outro galo/ que apanhe o grito de um galo antes/ e o lance a outro; e de outros galos/ que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo,/ para que a manhã, desde uma teia tênue,/ se vá tecendo, entre todos os galos./ E se encorpando em tela, entre todos,/ se erguendo tenda, onde entrem todos,/ se entretendo para todos, no toldo/ (a manhã) que plana livre de armação./ A manhã, toldo de um tecido tão aéreo / que, tecido, se eleva por si: luz balão (MELO, 1996, p. 34).*

Como exemplo de aliteração num texto de Jornalismo Literário, pode ser citado o seguinte trecho de Euclides da Cunha, em “Os Sertões” (2003) [4]:

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

*De repente estruge ao lado um estrídulo tropel de cascos sobre pedras, um estrépito de galhos estalando, um estalar de chifres embatendo; tufa nos ares, em novelos, uma nuvem de pó; rompe, a súbitas, na clareira, embolada, uma ponta de gado; e, logo após, sobre o cavalo que estava esbarrado, o vaqueiro, tenso nos estribos (p. 102-3)*

Ao descrever uma vaquejada, Euclides da Cunha usa a aliteração para reproduzir no trecho os sons que a cena produzia. A repetição dos fonemas /t/, /p/ e /d/ aliado à escolha das palavras imita o barulho dos cavalos, das vacas. Mas a criatividade de Euclides não termina aí. Ao usar “galhos estalando, um estalar”, o autor reproduz no trecho o barulho próprio de galhos que se quebram, ao usar muito próximos um do outro os fonemas /lh/ e /l/, inclusive repetindo o verbo “estalar” em duas formas verbais. Tem-se aí um trecho rico em imagens, sons e movimento, conferindo ao discurso jornalístico de Euclides da Cunha indiscutíveis características literárias.

A anáfora é uma figura de linguagem em que o início de frases em sequência é feito com as mesmas palavras. No livro de Joan Didion, utilizado várias vezes neste trabalho, também é possível observar diversos casos de anáfora, que demonstram o relutar, a insistência da realidade contra os pensamentos fugidios da autora. No trecho a seguir, a repetição do pronome e do verbo no início de três parágrafos em sequência, ajuda a criar uma esfera de ansiedade:

*Ela poderia contrair uma infecção.*

*Ela poderia contrair uma pneumonia, ela poderia ter uma embolia.*

*Ela poderia apresentar mais inchação, o que tornaria necessária uma outra operação (DIDION, 2006, p. 102).*

Nesse mesmo trecho, a utilização do verbo “poder” reforça a inquietude em que a personagem vivia e ajuda a demonstrar toda a ansiedade e a dúvida que envolviam a ação e o sentimento da personagem. Isso se faz perceptível na escolha do tempo verbal, o futuro do pretérito, e do próprio verbo “poder”, que, ao ser utilizado por várias vezes, demonstra indecisão, múltiplas possibilidades.

Brum (2006, p. 37), em mais um trecho da narrativa sobre o enterro

do menino pobre, escreve: “Depois de uma vida sem lugar, não ter lugar para morrer. Depois de uma vida sem posse, não possuir nem os sete palmos de chão da morte”. Nessa construção, a repetição das palavras “depois”, “lugar” e o jogo com os termos “posse/possuir” ajudam a conferir um sentimento de inconformismo, de repetição de tudo o que já se sabe na vida e que, naquele momento de dor, se repete, conforme a autora demonstra também numa metáfora do mesmo texto já citada neste artigo. Essas construções vão, inclusive, ser geradoras de uma conclusão, na frase final do texto, em que a repórter utiliza uma **antítese** (figura de linguagem construída a partir da utilização, num mesmo período, de termos de sentido opostos) para encerrar a narrativa numa formulação que mescla poesia, crítica social e posicionamento: “A diferença maior é que o enterro de pobre é triste **menos** pela **morte** e **mais** pela **vida**” (BRUM, 2006, p. 39, grifo meu).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de figuras de linguagem em textos jornalísticos, muito mais do que um simples recurso textual para conferir estilo ao que se escreve, é uma forma rica de expressão e significação. Por meio da conotação, os textos extrapolam os aspectos textuais e ajudam a oferecer outras informações ao leitor.

Ao utilizar a linguagem figurada num texto, deve-se ter em mente os mesmos preceitos que norteiam toda a produção jornalística, entre eles a precisão da informação e a adequação da linguagem ao público. Isso, de forma alguma, quer dizer que, em veículos com enfoque mais popular, não se encontram espaços férteis para a produção em Jornalismo Literário. Os recursos a serem utilizados são sempre um desafio para quem escreve, de maneira a pensá-los sempre em favor do público, da região de atuação, da idade dos leitores e das demais variáveis envolvidas no processo de comunicação.

## NOTAS

[1] Forma de estruturar o texto jornalístico a partir do fato mais importante e, geralmente, respondendo às seis perguntas do lide (quem, o quê, quando, onde, como e por quê) no

Quando as palavras dizem mais do que seus verbetes no...

primeiro parágrafo do texto.

[2] Nesse livro-reportagem-ensaio, a jornalista conta seu processo de luto e superação pela morte do marido, num momento em que a filha estava hospitalizada em estado grave.

[3] Neste livro-reportagem-viagem, o autor conta a sua trajetória, a partir do fato de que, após ser afetado por uma grave infecção pulmonar, inicia um cruzeiro à procura de um clima ideal que lhe ajudasse a aliviar tal doença.

[4] Livro-reportagem publicado em 1902, em que Euclides da Cunha narra a Guerra de Canudos (1896-1897), que cobriu como repórter de O Estado de S. Paulo.

## REFERÊNCIAS

BARROS, A. “O velho montenegrino”. In: *O Estado de S. Paulo*. Caderno Aliás, 28 de maio de 2006, p. J8.

BRUM, E. “A floresta das parteiras”. In: *Revista Época*. n. 97, 27 mar. 2000, p. 80-86.

\_\_\_\_\_. “Enterro de pobre”. In: \_\_\_\_\_. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, p. 35-39.

CUNHA, E. *Os Sertões*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

DIDION, J. *O ano do pensamento mágico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FALASCHI, C. *Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro*. Tese (Doutorado). Faculdade de Psicologia. PUC-Campinas, 2005.

HUFFINGTON, A. S. *Maria Callas – a mulher por trás do mito*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

LAKOFF, G.; JOHSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 1980.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

MARKUN, P. *Meu querido Vlado*. São Paulo: Objetiva, 2005.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. 3. ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000.

MELO NETO, J. C. “Tecendo uma manhã”. In: *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MENDES, M. *A idade do serrote*. São Paulo: Record, 2003.

ORMANEZE, F. “O lugar da metáfora no Jornalismo Literário: ornamento ou informação”. In: *Conectiva – Revista de Estudos de Mídia e Linguagem*. Ano 3, V. 4, n. 6. Pouso Alegre: Univás, 2006, p. 35-60.

PIGNATARI, D. *Semiótica e literatura*. 6. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SIMS, N.; KRAMER, M. (orgs.). *Literary journalism*. New York: Ballatine Books, 1995.

VIEIRA, A. “O último grande garimpeiro brasileiro?” In: *Revista Rolling Stones*. n. 4, jan. 2007. p. 59-65.

WOLFE, T. “O último herói americano”. In: \_\_\_\_\_ *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, p. 87-136.